



Cartografias da paisagem cultural da Ilha de Tiswadi

Cartografias del paisaje cultural de la Isla de Tiswadi

Simpósio E1 - S1 - E1_01 Paisagens globais e transfronteiriças: histórias conectadas

Ana Alexandra de Oliveira Brett

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Portugal

anabrett@gmail.com

Resumo:

A Ilha de Tiswadi, situada no estado de Goa, na costa sudoeste da Índia, constitui um território singular onde se entrelaçam camadas temporais, culturais, naturais e simbólicas. A sua paisagem cultural, moldada por séculos de interações entre a água, o clima, as pessoas, as dinâmicas religiosas e as estratégias políticas, apresenta-se como um palimpsesto em permanente transformação. Este artigo propõe uma leitura da paisagem de Tiswadi enquanto lugar de encontros e de continuidades históricas, tomando a cartografia histórica como instrumento privilegiado de análise.

Através da observação e comparação de mapas produzidos entre os séculos XVI e XIX, procura-se compreender de que forma a representação gráfica do território reflete tanto o conhecimento técnico disponível em cada época como os interesses militares, administrativos, económicos ou religiosos que motivaram a sua produção.

A água, elemento estruturante da ilha, emerge como a mais instável das permanências e como fator determinante na organização do território, na mobilidade das populações e na configuração dos sistemas agrícolas tradicionais, em particular o sistema *khazan*. Ao articular desenho, arquitetura, geografia e sociologia, este estudo demonstra como a cartografia está longe de ser um mero registo neutro, constitui um meio interpretativo fundamental para compreender a evolução da paisagem cultural de Tiswadi e refletir sobre os seus desafios contemporâneos.

Palavras-chave: Tiswadi; Arquitetura; Paisagem cultural; Cartografia; Goa

Resumen:

La isla de Tiswadi, situada en el estado de Goa, en la costa suroeste de la India, constituye un territorio singular donde se entrelazan capas temporales, culturales, naturales y simbólicas.

Su paisaje cultural, modelado por siglos de interacciones entre el agua, el clima, las personas, las dinámicas religiosas y las estrategias políticas, se presenta como un palimpsesto en permanente transformación. Este artículo propone una lectura del paisaje de Tiswadi como un lugar de encuentros y de continuidades históricas, tomando la cartografía histórica como instrumento privilegiado de análisis.

A través de la observación y comparación de mapas producidos entre los siglos XVI y XIX, se busca comprender de qué manera la representación gráfica del territorio refleja tanto el conocimiento técnico disponible en cada época como los intereses militares, administrativos, económicos o religiosos que motivaron su producción.

El agua, elemento estructurante de la isla, emerge como la más inestable de las permanencias y como un factor determinante en la organización del territorio, en la movilidad de las poblaciones y en la configuración de los sistemas agrícolas tradicionales, en particular el sistema khazan. Al articular dibujo, arquitectura, geografía y sociología, este estudio demuestra que la cartografía está lejos de ser un mero registro neutro: constituye un medio interpretativo fundamental para comprender la evolución del paisaje cultural de Tiswadi y reflexionar sobre sus desafíos contemporáneos.

Palabras-clave: Tiswadi; Arquitectura; Paisaje cultural; Cartografía; Goa.

Introdução

A presente investigação centra-se no conceito de paisagem cultural, entendido como o resultado da interação contínua entre a ação humana e os processos naturais ao longo do tempo (Cabral, 1980; Teles, 2003). Tal como tem sido amplamente discutido no campo da arquitetura, da geografia e dos estudos da paisagem, interrogar a paisagem implica questionar que paisagem se observa, a partir de que perspetiva e com que instrumentos de leitura. O geógrafo Álvaro Domingues diria ainda “Mudam-se os tempos, mudam-se as sociedades e, com elas, as paisagens” (Domingues, 2012, p. 65). A paisagem não é, portanto, encarada como um cenário estático, mas como um sistema dinâmico construído por práticas sociais, económicas, religiosas e simbólicas que se sedimentam no território.

Partindo do pressuposto de que quase toda a paisagem é cultural, a paisagem pode ser entendida como história inscrita no território, mesmo quando se apresenta como “natural”, uma vez que resulta de processos históricos de adaptação, gestão e transformação levados a cabo pelas comunidades humanas (Gfeller, 2013). Como toda a vida, está em constante transformação: “no limite pode até considerar-se, como em tudo, que só de olhar e ver já estamos a transformar” (Rossa, 2020, p. 23). Esta condição cultural integra simultaneamente elementos materiais como construções, sistemas agrícolas, infraestruturas e traçados territoriais e componentes imateriais, como saberes técnicos, tradições, memórias coletivas e formas de habitar o espaço envolvente.

Neste contexto, a cartografia histórica surge como um instrumento privilegiado para interpretar a paisagem cultural, na medida em que condensa, num suporte gráfico, informação relativa à geografia física, à organização do território, à arquitetura, às infraestruturas, às relações de poder e às visões do mundo dominantes em cada período. Cada mapa constitui simultaneamente um documento técnico e um artefacto cultural, revelador das intenções, limitações e subjetividades dos seus autores. A cartografia está, assim, longe de ser um mero registo e constitui um instrumento interpretativo fundamental para compreender a evolução do território.

A paisagem cultural de Goa

A mitologia indiana atribui a criação de Goa ao deus Vishnu, que terá recuperado esta porção de terra ao mar. Para além do valor simbólico, este mito reflete uma realidade ecológica fundamental: todo o ecossistema goês existe em estreita dependência da água. Em Tiswadi, a presença da água é simultaneamente fonte de fertilidade e de instabilidade. É um elemento central da sua paisagem e da vida quotidiana. Rios caudalosos, estuários, zonas pantanosas, poços e nascentes estruturam uma paisagem encharcada e condicionam tanto a agricultura como a mobilidade. Extensas linhas de água proporcionam as condições ideais para agricultura como o cultivo do arroz e a plantação de palmeiras, para a exploração de salinas e ainda atividade piscatória. Ainda, proporciona transporte fluvial e marítimo, estruturando a mobilidade e o comércio. Ao mesmo tempo, o clima tropical de Monções, caracterizado por uma estação seca e uma estação chuvosa intensa, influencia profundamente a morfologia de todo o território e os modos de ocupação humana bem como a ação das marés, impondo limites e riscos às povoações.

No mapa do subcontinente indiano, Goa apresenta-se como um pequeno estado da Índia ao longo da costa sudoeste, confinada entre o mar Árabe e a cadeia montanhosa dos Gates Ocidentais. Apesar da sua reduzida dimensão, Goa desempenhou historicamente um papel de relevo nas redes comerciais marítimas do oceano Índico, funcionando como ponto de contacto entre o interior do

subcontinente e as rotas oceânicas que ligavam a África Oriental, o Médio Oriente e o Sudeste Asiático. Passou por diferentes fronteiras, domínios e culturas, o que deixou marcas na arquitetura, nos costumes, na língua e na organização social. Ao longo do tempo, estas comunidades foram sendo moldadas por dinâmicas hindus, muçulmanas e, a partir do século XVI, cristãs, resultando numa paisagem cultural profundamente estratificada. Quando os portugueses chegaram a Goa no início do século XVI (1510), encontraram uma sociedade complexa, com permanências consolidadas, sistemas agrícolas avançados e religiões ancestrais profundamente enraizadas.

A Ilha de Tiswadi

Entre as regiões de Goa, a *Taluka*¹ de Tiswadi (Ilhas de Goa durante a presença portuguesa) destaca-se por ser composta por um conjunto de ilhas no centro do estado de Goa banhadas pelo Rio Mandovi a Norte e o Canal de Cumbarjua a Este, o Rio Zuari a Sul e o Mar Árábico a Oeste. A Ilha de Tiswadi propriamente dita é a maior do conjunto. A sua proximidade ao continente e às restantes ilhas faz com que não seja um território isolado, mas antes um nó central numa rede fluvial e marítima densa. A escolha de Tiswadi como caso de estudo justifica-se porque concentra, numa escala territorial relativamente reduzida, uma diversidade de processos geográficos, históricos e espaciais. A sua condição insular, a sucessão de influências políticas e a sua importância estratégica no contexto geográfico mundial são elementos que construíram uma cultura única. Ainda, a centralidade da água, a fertilidade dos solos e a sua abundância favoreceram o estabelecimento de povoações desde períodos muito antigos, anteriores ao século III. As aldeias organizavam-se em torno de templos, campos de cultivo e sistemas de controlo da água, formando uma rede de assentamentos interdependentes. A paisagem de Tiswadi deve, assim, ser entendida como o resultado de múltiplas escalas de organização: a escala local das aldeias e das comunidades, a escala regional das rotas fluviais e marítimas e a escala global das redes comerciais e políticas que ligavam Goa ao mundo.

Paralelamente, a análise integra as dinâmicas populacionais da ilha conhecidas a partir do século XVII. A mobilidade das populações, o declínio progressivo da antiga capital Velha Goa e a emergência de Pangim como novo centro administrativo revelam-se fatores determinantes na reconfiguração da paisagem cultural. A cartografia histórica, quando cruzada com os movimentos humanos que lhe dão origem, permite compreender a paisagem não apenas como forma representada, mas como processo vivido, marcado pela impermanência, pela transformação e pela continuidade cultural. Um dos elementos mais marcantes da paisagem cultural de Tiswadi é o sistema *khazan*², um conjunto de técnicas ancestrais de controlo da água que permitiu transformar pântanos e áreas sujeitas à intrusão salina em campos agrícolas férteis. Através de diques, comportas e canais, mangais, as comunidades locais conseguiram gerir de forma sofisticada a relação entre água doce e água salgada, criando um equilíbrio que se reflete na organização do território. O sistema *khazan* não é apenas uma infraestrutura hidráulica, mas um sistema socioeconómico complexo, que envolve conhecimento técnico transmitido ao longo de gerações, formas coletivas de gestão da terra e da água e uma profunda integração entre práticas agrícolas e ritmos naturais. A sua expressão espacial é visível na cartografia histórica, onde arrozais, canais e áreas pantanosas aparecem como elementos estruturantes da paisagem.

¹ *Taluka* é uma divisão administrativa, um tipo de concelho ou subdistrito, que organiza o território dentro dos distritos de Goa Norte e Goa Sul, agrupando cidades e vilas para fins de governação e gestão local.

² (Sonak, 2014, p. 24)

O nome “Tiswadi” deriva da língua concanin e significa “trinta aldeias”, uma referência às trinta e uma principais aldeias agrícolas ou piscatórias que estruturavam a ilha. Esta designação foi registada de forma sistemática por Afonso Mexia no seu levantamento de 1526, incluído no Foral de Costumes e Usos (Rivara, 1857, v. V, doc. 58)³. A importância deste registo sobre uma organização centenária de um território é a primeira descrição que permite uma imagética da paisagem que Mexia observava. Para Ângela Barreto Xavier o Foral de Mexia serve “como primeiro registo sistemático da organização das aldeias de Goa e constitui, ainda hoje, uma fonte imprescindível para quem pretende compreender em profundidade as normas e práticas que estruturavam a vida comunitária das aldeias goesas”⁴ (Xavier, 2021, p. 35).

Cartografia histórica

As primeiras ilustrações conhecidas que fornecem informação sobre a paisagem de Tiswadi surgem no Roteiro de Goa a Diu, de D. João de Castro⁵ (Castro, 1578), onde registou observações detalhadas sobre geografia, navegação, fortificações e organização do território na costa ocidental da Índia (Figura 01). Acompanhadas de extensos textos, estas representações incluem descrições detalhadas de fenómenos meteorológicos, marés, correntes e fundos marinhos, refletindo uma preocupação primordial com a segurança da navegação costeira. As cartas náuticas que produziu são instrumentos práticos que constituem tentativas iniciais de representar graficamente a complexa relação entre terra e água, ainda que com limitações técnicas evidentes.



Figura 01: Goa A Nova, 1538-39, D. João de Castro. Fonte: Imagem cedida pela BGUC, Códice 33, Tábuas dos Roteiros da Índia

Uns anos mais tarde, George Braun⁶ representou o que acreditava ser a Goa de 1509, pouco antes da conquista portuguesa: a cidade islâmica muralhada com o núcleo pontilhado de mesquitas, sob

³ “Foral dos usos e costumes dos Gancares e Lavradores da Ilha de Goa e outras annexas a ella”.

⁴ Tradução para português da autora. Original: “*The Foral, as the first mapping of Goan village order, is, nevertheless, an unavoidable source for those who intend to gain a deeper understanding of the Goan village normativities.*”

⁵ D. João de Castro (1500-1548), vice-rei da Índia portuguesa.

⁶ George Braun (1541-1622), cartógrafo e editor flamengo, coautor do atlas *Civitates Orbis Terrarum*.

o domínio do Sultanato de Bijapur. Esta representação (Figura 02), ainda que baseada em fontes indiretas, oferece um vislumbre da paisagem urbana anterior à transformação colonial portuguesa mas será pouco rigorosa uma vez que, como mencionado anteriormente, não existe um arquivo ilustrado ou escrito antes da presença portuguesa no território.



Figura 02: Goa em 1509, 1572, George Braun. Fonte: BNDigital (Braun, 1576).

Pouco depois, Jan Huygen van Linschoten⁷ esteve em Goa entre 1579 e 1592 onde teve acesso a informação náutica e geográfica portuguesa, posteriormente divulgada na sua obra *Itinerario* (Linschoten, 1596), de grande impacto na cartografia e expansão marítima europeia. Nele incluiu mapas, ilustrações e descrições detalhadas dos locais que visitou, entre os quais as Ilhas de Goa (Taluka de Tiswadi). A sua representação da Ilha (Figura 03) evidencia o crescimento urbano da cidade de Goa (Velha Goa) a partir da zona do cais e a relação estreita entre a cidade, os campos *khazan* e o sistema fluvial.

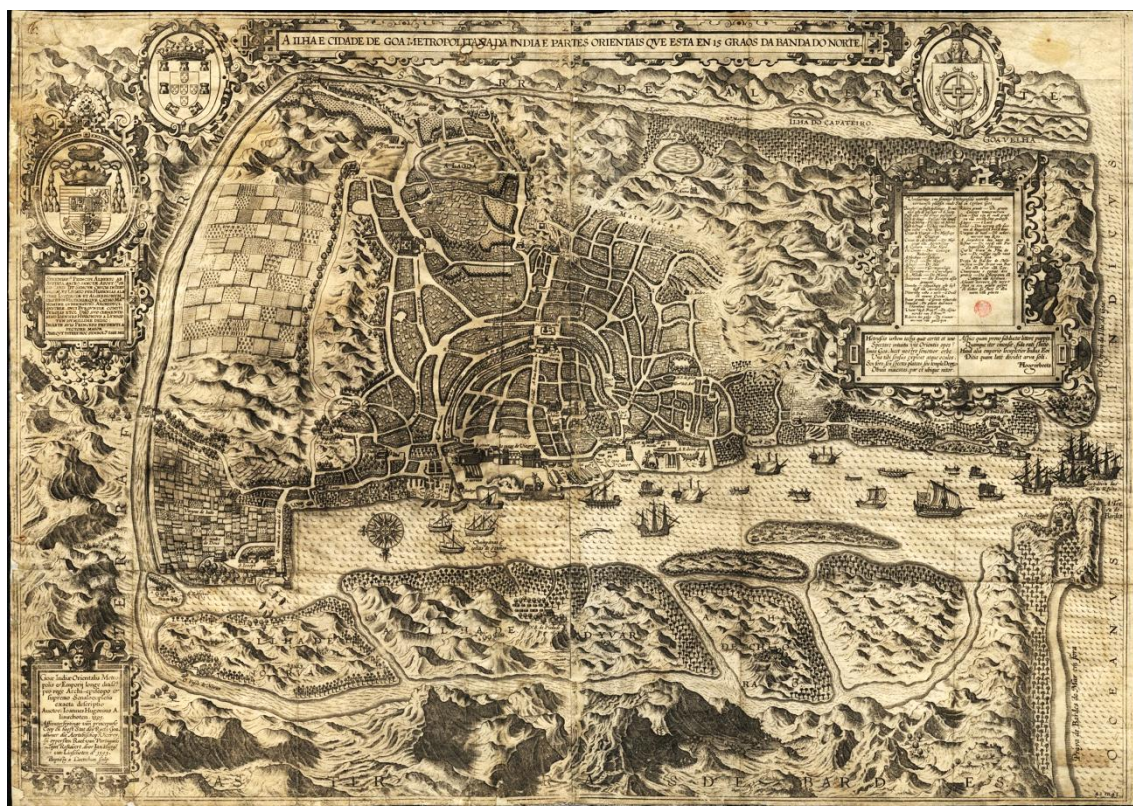


Figura 03: A Ilha e Cidade de Goa metropolitana da Índia e partes orientais, 1596, Jan Huygen van Linschoten. Fonte: BNDigital (Linschoten, 1595).

⁷ Jan Huygen van Linschoten (1563–1611), viajante, cronista e cartógrafo neerlandês.

Apesar das desproporções entre urbano e rural as imprecisões nos mapas de Linschoten são ainda assim particularmente relevantes, uma vez que documentam a capital no período que antecede o seu declínio e progressivo abandono a partir do final do século XVI. Muitos dados sobre a cidade perder-se-iam nos séculos seguintes, o que confere grande importância a esta representação largamente referenciada. Linschoten produziu ainda cenas do *hinterland* caracterizando as aldeias e seus costumes, nas quais é possível observar a complexidade da sociedade local, as atividades económicas, as relações sociais e a abundância de produtos agrícolas, como o caju, o ananás, a jaca e a manga.

As primeiras representações sistemáticas da Ilha de Tiswadi em conjunto com os territórios de Bardez e Salcete foram elaboradas por cartógrafos portugueses no início do século XVII. Embora ainda pouco rigorosas do ponto de vista métrico, estas cartas revelam um interesse crescente pela administração e pelo controlo territorial. A ausência de uma convenção universal de orientação faz com que os mapas produzidos nesta altura apresentem diferentes orientações, refletindo práticas cartográficas ainda em consolidação. Manuel Godinho de Erédia ⁸ destacou-se pelo seu registo das linhas de costa, estuários e povoações, sobretudo com fins de navegação. Poucos anos depois dos primeiros registos cartográficos, Erédia produz em 1615 uma representação mais detalhada, onde surgem já as principais vias terrestres que ligavam as aldeias, bem como a muralha da cidade e elementos de topografia (Figura 04), e publica o “Lyvro das Plantaformas da Índia” (Carita, 1999). Elaborou mais tarde, datados de cerca de 1630, diferentes mapas (entre os quais uma planta da capital) e começam a aparecer fortificações e igrejas, evidenciando a ação missionária e militar no território.



Figura 04: Ilha de Goa, 1615-1616, Manuel Godinho de Erédia. Fonte: Imagem proveniente dos fundos da Biblioteca Nacional de Espanha (Figueroa, 1624).

⁸ Manuel Godinho de Erédia (1563-c. 1623-25), cartógrafo luso-malaio educado pelos jesuítas.

As aldeias de Tiswadi, consolidadas muito antes da chegada dos portugueses, assumiram um papel estrutural na reorganização do território. A persistência do sistema de comunidades (*gaunkaris*), baseado na gestão coletiva da terra e da água, permitiu uma adaptação flexível às mudanças demográficas, garantindo a continuidade dos sistemas agrícolas tradicionais, nomeadamente os *khazan*. Ao mesmo tempo, a circulação de populações que inclui migrantes, escravizados e comerciantes oriundos de diferentes regiões do subcontinente indiano e do espaço ultramarino, intensificou a complexidade social e cultural da ilha.

Uma das representações mais complexas e informativas deste período é a de Pedro Barreto Resende⁹, datada de 1632, publicada no “Livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental” (Bocarro; Resende, 1635), elaborado com o cronista António Bocarro. Bocarro elaborou as descrições mas não refere Resende como autor das plantas, inclusive destacando o pouco rigor das mesmas (Cortesão; Mota; Mata, 1960, v. V, p.61). No entanto, nestes mapas (Figura 05, Figura 06), reconhece-se a topografia da ilha e é feito um esforço para integrar a planta da cidade. As informações nelas sobre as fortificações, igrejas, conventos, estaleiros navais, casarios, quintas de recreio e arrozais que coexistem numa composição de grande riqueza visual.



Figura 05: Ilha de Goa, 1632, Pedro Barreto Resende. Fonte: Imagem cedida pela Biblioteca Pública de Évora, COD. CXV/2-X.

Podemos afirmar que as imagens de Resende se inserem num tipo de produção patente na fase inicial da representação “vista de pássaro”, a qual ainda não dominava os novos métodos de comunicação visual que surgiram no Renascimento. (...) Resende introduziu dois temas transversais que distinguem e valorizam a sua obra ao nível da coerência representativa (sistema de símbolos, importância cromática, estética unificadora) e ao nível da

⁹ Pedro Barreto Resende (séc. XVI), cartógrafo e funcionário da administração portuguesa do Estado da Índia como secretário do vice-rei.

atualização da informação (aumento da abrangência de território, introdução de novas estruturas e de elementos topográficos). (Mendiratta; Santos, s. d.)



Figura 06: Demonstração da Ilha de Goa, 1635, Pedro Barreto Resende. Fonte: BnF (Resende, 1635)

A raridade de plantas rigorosas nesta época, feitas a uma escala uniforme, reflete as limitações técnicas e não necessariamente falta de conhecimento. Durante algum tempo estas representações serviram de referência para cartógrafos da Índia Portuguesa, contribuindo para a sistematização da documentação urbana e territorial e funcionando como elo entre a tradição iconográfica e as novas exigências administrativas e militares. Estas obras, reproduções com apropriações e eliminações, perpetuaram modelos e erros de escala, mas também contribuíram para a construção de uma imagem duradoura da paisagem de Tiswadi (Figura 07). Os cartógrafos João Teixeira Albernaz, João Nunes Tinoco, António de Maris Carneiro representaram as Ilhas de Goa juntando várias premissas dos mapas anteriores, uma composição entre os mapas de Erédia e Resende, mais ou menos simplificada (Cortesão; Mota; Mata, 1960, v. V, 586). O contorno da ilha começa a aproximar-se da representação contemporânea embora ainda tivesse um longo caminho a percorrer.



Figura 07: Ilhas de Goa, c.1660, autor desconhecido. Fonte: BNDigital (Cortesão; Mota, 1960, v. V, p. 245).

A leitura desta paisagem cultural não pode ser dissociada das dinâmicas populacionais que, ao longo dos séculos, moldaram a ocupação do território, os sistemas produtivos e as formas de organização social. Apesar da sua reduzida dimensão geográfica, a ilha foi palco de intensos movimentos de população, associados a processos de colonização, conversão religiosa, comércio marítimo, crises sanitárias e reconfigurações administrativas. As primeiras tentativas sistemáticas de quantificação da população surgem no início do século XVIII, culminando no Numeramento de 1720 ordenado por D. João V¹⁰. Estes registos, ainda que incompletos e condicionados por objetivos fiscais e administrativos, constituem fontes fundamentais para compreender a distribuição dos habitantes entre aldeias, centros urbanos, comunidades religiosas e estatutos sociais. A análise cruzada destes dados com a cartografia da época evidencia um território profundamente marcado pela mobilidade, onde aldeias agrícolas, zonas ribeirinhas e núcleos urbanos se articulavam numa rede contínua de relações económicas e simbólicas.

O descalabro da cidade de Velha Goa ocorreu (...) a partir dos anos iniciais do século XVIII, como que de repente. O Edital do Vice-rei Ericeira datado de 1719 é um bom símbolo desta viragem. O Vice-rei escreve que tem presente «a deformidade em que esta Cidade se acha por causa de muitas Casas Nobres que de poucos annos a esta parte se tem arruinado de tal sorte que muitas Ruas inteiras, e ainda as mais publicas se tem despovoado, fazendo-as quasi inabitadas» (Gomes, 2010)

¹⁰ Paulo Teodoro de Matos transcreveu o Numeramento de 1720 (Matos, 2007). A maior parte da informação conhecida sobre os mapas populacionais pode ser encontrada no Projeto de Contagem das Populações Coloniais ("Populações Coloniais". Disponível em <http://colonialpopulations.fcsh.unl.pt>. Acedido a 20 de Janeiro de 2025).

A evolução da cartografia¹¹ do século XVIII evidencia-se nas representações de Orgeval¹² e Bellin¹³. O último foi responsável por representações de Goa e do território indiano (Figura 08), produzindo mapas e cartas náuticas a partir de fontes escritas, relatos de viajantes, levantamentos de terceiros e material cartográfico existente em arquivos, sem realizar viagens de campo às regiões que representava. As referências a partir das quais elaborou resultaram na representação mais afastada da forma de Tiswadi e um espaço quase ficcional. No entanto, não está totalmente deslocado da realidade e sobressai ao mostrar o porto e a costa para navegação, refletindo a importância estratégica de Goa.

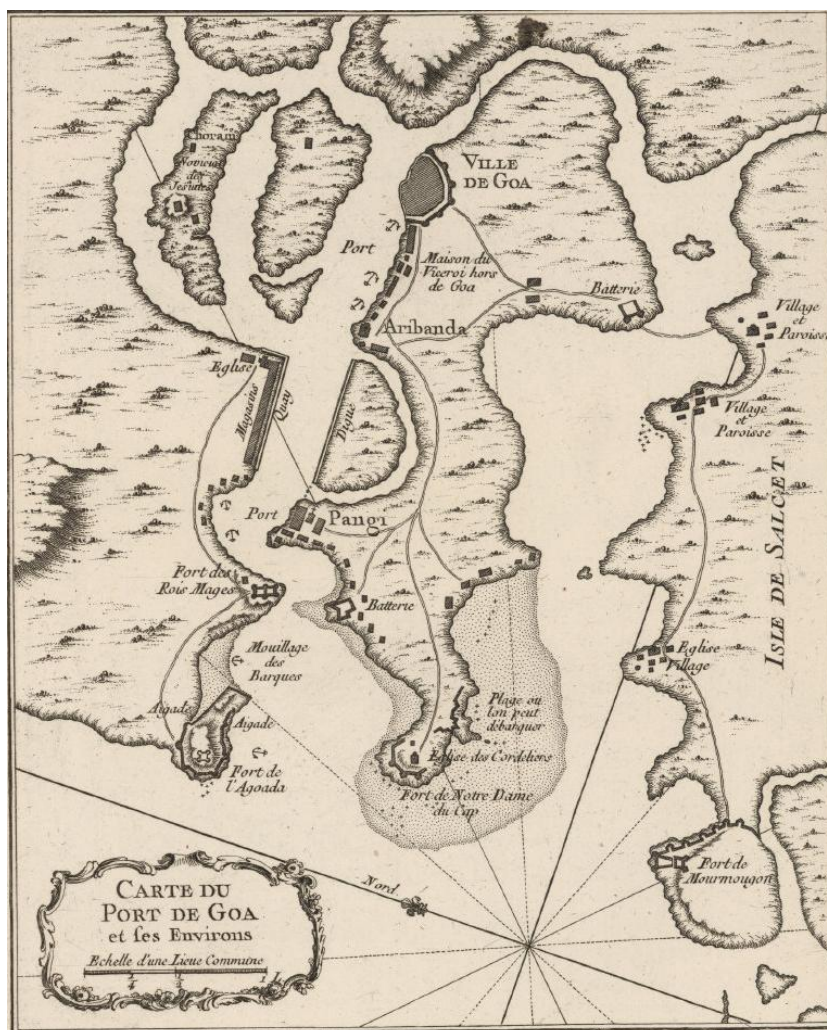


Figura 08: *Carte du Port de Goa et ses environs*, 1764, Jacques-Nicolas Bellin. Fonte: BnF Galica (Bellin, 1764, fig. 29)

É relevante também o foco dado ao norte da Ilha onde representa construções desde Velha Goa, passando por Panelim e Ribandar e até ao então bairro de Pangim. Este movimento já tinha iniciado com a construção da Ponte-Açude do Conde de Linhares, iniciada em 1633, estrutura fundamental para a articulação territorial e urbana da ilha para a zona da barra (Rossa, [S.d.]). Apesar de nunca ter visitado Goa, Bellin conseguiu interpretar a transformação espacial do

¹¹ Mapas e cartas começavam a ser produzidos com finalidade prática, principalmente para navegação, administração ou estratégias militares, em vez de apenas representação artística ou descritiva.

¹² ("Planta da ilha de Goa na India e suas terras confinantes, 1747 - Biblioteca Nacional Digital", [S.d.])

¹³ Jacques-Nicolas Bellin (1703–1772), cartógrafo e hidrógrafo francês.

território que acontecia na altura: o declínio progressivo de Velha Goa (agravado por epidemias recorrentes e pela inadequação das suas infraestruturas às exigências sanitárias e demográficas).

Entre 1774 e 1777, o processo de reforma pombalina destinado à reabilitação de Goa integrou decretos e planos no âmbito da *Restauração do Estado da Índia*. Não se concretizou; antes desencadeou um movimento prolongado de dispersão da população para fora de Tiswadi e para as aldeias próximas do mar, originando novos polos emergentes e o desenvolvimento de Ribandar, Panelim e, mais tarde, Pangim (Faria, 2009). Este processo, lento mas persistente, transformou radicalmente a paisagem da ilha, reforçando o papel das comunidades rurais enquanto centros de produção agrícola, administração local e afirmação religiosa, e promovendo uma migração significativa, proveniente de toda a ilha, para esses três polos, que, sem planeamento, emergiam e acabariam por formar a capital: a cidade de Nova Goa (1834)¹⁴.

No entanto, a nova cidade assim criada não correspondia à pura e simples transferência para Pangim das funções políticas, administrativas e simbólicas da velha capital: segundo o alvará real a cidade de Nova Goa incluía Pangim mas era constituída por três bairros, Pangim, Ribandar e Goa e abrangia uma longa área. (Faria, 2007, p. 73)

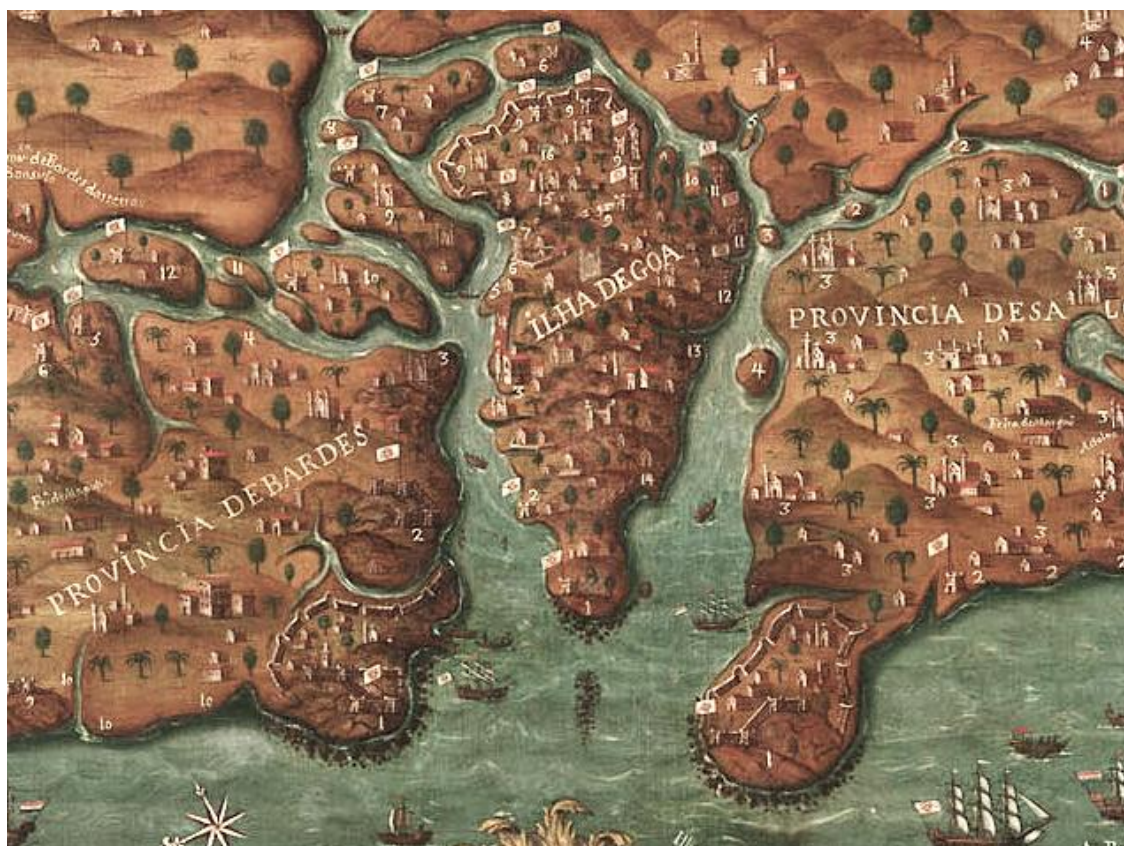


Figura 09: Mapa topográfico de Goa, 1770-1777, autor desconhecido (pormenor). Fonte: BNDigital (Unknown, 1770).

A paisagem de Tiswadi foi, como já referido, profundamente marcada pela religião e o poder simbólico da arquitetura dos templos sagrados (Figura 09). Com a chegada dos portugueses, a subsequente implantação do cristianismo embutiu em poucas décadas o território de mais um

¹⁴ Apenas uns anos mais tarde é que Pangim, com a evolução do bairro e com um plano urbano passaria a tornar-se a cidade capital.

significado sagrado, que se sobrepôs, nem sempre pacificamente, às tradições ancestrais, hindus e muçulmanas existentes. Esse processo de conversão implicou, em muitos casos, a substituição de templos por igrejas, que se foram transformando ao longo dos séculos à medida que as comunidades cristãs se consolidavam. Apesar das tensões e conflitos, este processo deu origem a uma fusão de tradições e rituais. Muitos hindus convertidos mantiveram a hierarquia social do sistema de castas¹⁵, condição que foi, aliás, essencial para viabilizar a conversão. Ao contrário de outras colônias, “os portugueses tentaram impor o seu domínio na Índia a um nível simbólico” (Perez, 2012, p. 41) e a missão cristã portuguesa encontrou em Goa no séc. XVI uma sociedade goesa movida fortemente pela religião, cujas consequências são, maioritariamente, de poder. Era do interesse dos portugueses, portanto, reforçar as ligações à casta mais elevada para usufruir do poder simbólico que isso lhes proporcionava uma vez que “sobrepõe-se ao económico e político e detém capacidade de gerar capital social” (Perez, 2012, p. 81). As igrejas brancas que pontuam a paisagem de Goa foram descritas pelo historiador Paulo Varela Gomes como verdadeiros *monumentos-paisagem* (Gomes, 2011, p. 21). Ainda nos dias de hoje, a sua implantação estratégica, frequentemente em pontos elevados ou centrais, e o contraste cromático entre o branco das fachadas, o verde dos campos e a terra vermelha, conferem-lhes um forte poder simbólico e visual. Enfatizando esta dimensão espiritual da ilha, a maioria dos mapas com a representação desses elementos religiosos exageram deliberadamente a sua escala, de modo a afirmar a presença e a autoridade do poder cristão.

Da cartografia artística à cartografia científica

A partir do século XIX, a cartografia de Tiswadi conhece uma mudança significativa com a introdução de métodos científicos mais rigorosos. James Garling¹⁶ incluiu a ilha no seu levantamento trigonométrico oficial da Índia, recorrendo à técnica da triangulação (Markham, 2015). Os mapas resultantes apresentam um nível de detalhe sem precedentes no que respeita à topografia enfatizando a representação do relevo, pormenorização das zonas costeiras, oferecendo uma cartografia precisa da paisagem física. Garling produziu descrições detalhadas sobre a geografia, a população, a arquitetura, a força militar e os estabelecimentos eclesiásticos, bem como observações sobre os costumes e a educação dos habitantes.

Os planos reformistas marcaram de forma decisiva a produção intelectual do século XIX, o período caracterizou-se por uma extensa produção de Cunha Rivara e de Felipe Nery Xavier. As suas obras (Rivara, 1857; Xavier, 1903) mostram como temas como os costumes, a língua, a reforma fundiária e a rebelião se tornaram objeto de conhecimento sistemático, frequentemente orientado para o Estado, mas nem sempre determinante na formulação das políticas públicas (Pinto; Mendiratta; Rossa, 2018).

Desde 1834, a cartografia refletia que a capital administrativa que já encontrava em Nova Goa. Faustino Gomes da Silva¹⁷ representou Tiswadi como uma paisagem cultural viva, definida pela interação entre água, terra e comunidades (Figura 10). Pormenorizou a distribuição das culturas agrícolas e das áreas pantanosas sujeitas às marés e ao clima. As quase ausência de aglomerados urbanos, com exceção de algumas construções em Velha Goa, revelam que o interesse da representação assentava maioritariamente sobre a exploração agrícola da paisagem e não tinha preocupações com as povoações populacionais. Na legenda estão descritas todas as aldeias e as

¹⁵ A palavra *casta* é derivada do português, que significa espécie ou raça. Ver (Dumont; Sainsbury, 1970).

¹⁶ James Garling (1784-1820), engenheiro e topógrafo britânico ligado ao *Great Trigonometrical Survey of India*.

¹⁷ Faustino Gomes da Silva (século XIX), cartógrafo e topógrafo português.

Freguesias correspondentes e ainda menciona “Fortificações, Edifícios, Ruas e Lugares mais notáveis das Ilhas e Cidade de Goa” e “Colégios e Hospícios dos Religiosos que existem fora da Cidade”.



Figura 10: Planta das Ilhas de Goa, 1855, Faustino Gomes da Silva. Fonte: Imagem cedida por PT, AHM.

Na transição do século XIX para o século XX, com a morfologia da ilha relativamente estabilizada, multiplicaram-se os mapas dedicados a atividades económicas, parcelamento das aldeias e redes viárias. Entre 1860 e 1872, António Lopes Mendes publica gravuras que retratam a arquitetura, a flora, o quotidiano e as tradições locais, um testemunho visual da vida e cultura do Estado Português da Índia (Mendes, 1860). Já no fim do século XIX, J.F. d’Assa Castel Branco assina o *Relatório das Obras Públicas da Índia*, onde apresenta a “Carta do Território Portuguez de Goa” onde já aparece o caminho de ferro, inaugurado em 1882, em Salcete.

Com o início do século XX foi iniciada a elaboração do cadastro fundiário de Goa liderada por José Norton de Matos¹⁸, que enfrentou fortes resistências mas revelou-se fundamental para formalizar a titularidade dos terrenos e o seu uso.

As cartas produzidas sob a sua direção (Figura 11), enquanto Diretor dos Serviços de Agrimensura do Estado da Índia, apresentam um elevado nível de detalhe e incluem já partes da rede urbana da nova capital, assinaladas a vermelho. Estes mapas foram essenciais para os projetos de Hidráulica Agrícola desenvolvidos nesta altura, reforçando a importância da cartografia como instrumento de planeamento e intervenção. Ao longo do século XX, numerosos estudos entre os quais a Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais¹⁹ foram realizados com objetivos de melhoria, defesa e reconstrução do território. Desde 1961, quando Goa se tornou um estado da Índia, os planos regionais incluíram levantamentos cadastrais extensivos, consolidando uma base de dados territorial que continua a orientar políticas de ordenamento, conservação e desenvolvimento sustentável da região.



Figura 11: Carta Topográfico-Agrícola do Concelho das Ilhas de Goa, 1904, José Norton de Matos. Fonte: Fotografia do autor, imagem cedida por PT, AHU.

¹⁸ José Norton de Matos (1867-1955), general e político português.

¹⁹ (Brito, 1966, 1998).

Conclusão

É essencial ter em conta que a cartografia desempenha um papel central na compreensão da identidade dos lugares e na interpretação da evolução da paisagem para elaborar um ordenamento do território contemporâneo. As representações e leituras moldaram, e continuam a moldar, tradições visuais e perspetivas. Registaram sobretudo uma história colonial, que deve ser investigada como um processo a partir do qual se pode aprender com o passado, e não como uma verdade estática. A cartografia histórica de Tiswadi demonstra que compreender o passado não é apenas um exercício de memória, mas uma ferramenta essencial para pensar o futuro deste território singular. Quando articulada com a análise das dinâmicas populacionais, a cartografia revela a paisagem como um processo em constante negociação e mudança. A deslocação dos centros de densidade populacional, a progressiva ruralização de antigas áreas urbanas e a emergência de novos eixos de mobilidade hídrica e terrestre tornam-se legíveis através da comparação entre os diferentes períodos.

A comparação do contorno da Ilha de Tiswadi foi um exercício feito a partir da cartografia histórica, orientado segundo o norte convencional e sobrepondo cada contorno a uma escala semelhante, o qual evidencia a evolução da representação da Ilha de Tiswadi, refletindo tanto o avanço tecnológico como a mudança de objetivos: da navegação e defesa para o planeamento e a gestão territorial (Figura 12)

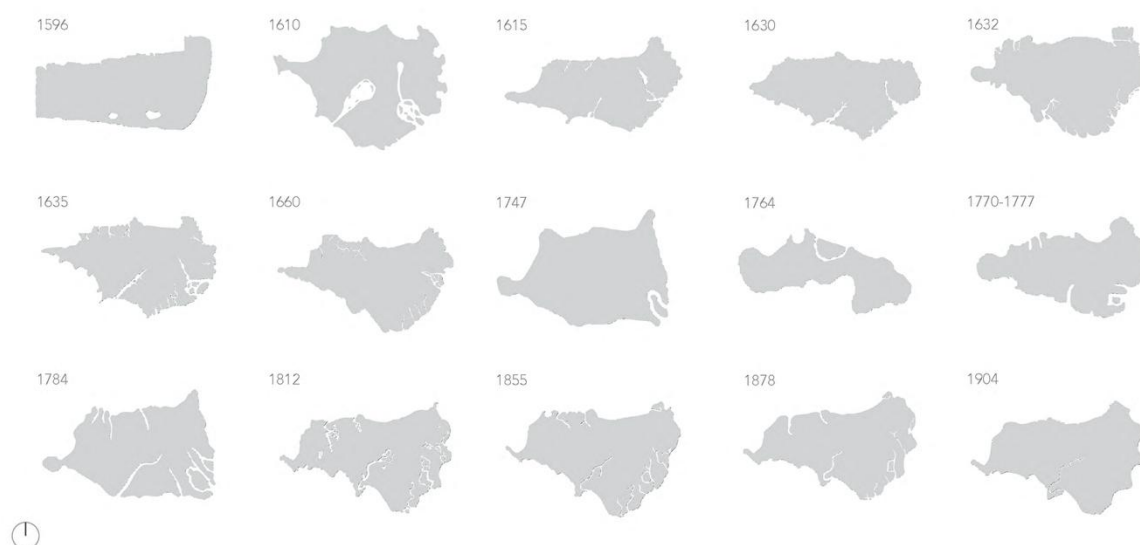


Figura 12: Evolução do contorno da Ilha de Tiswadi a partir da cartografia histórica. Fonte: do autor, Outubro 2025.

Para concluir, regressa-se ao conceito de paisagem cultural com que se iniciou esta reflexão, evocando uma vista de Tiswadi a partir da Ilha de Divar (Figura 13). A paisagem representada por José Maria Gonçalves ilustra um processo contínuo, constituído por camadas que proporcionam continuidade histórica. O *continuum cultural e natural*²⁰ que define a identidade da paisagem, pontuada por símbolos visuais das várzeas aos templos, das igrejas aos sistemas hidráulicos, os quais marcam o território e constituem o seu património último. Mergulhar na rede

²⁰ O *continuum naturale e culturale*, desenvolvido por Francisco Caldeira Cabral (Cabral, 1980) e Gonçalo Ribeiro Telles (Teles, 2003), corresponde a um sistema natural contínuo de suporte à vida e ao equilíbrio territorial. Remete para a continuidade da paisagem, articulando a ecologia com o planeamento do território.

complexa de associações presentes numa paisagem cultural é condição essencial para reconhecer como proteger os seus patrimónios naturais e arquitetónicos, tangíveis e intangíveis.



Figura 13: Perspetiva da Cidade de Goa tirada do Oiteiro de Piedade em 1829, José Maria Gonçalves. Fonte: (Carita, [S.d.])

Atualmente, a cartografia recorre a imagens de satélite, Sistemas de Informação Geográfica (SIG) e Modelos Digitais de Terreno (MDT), permitindo análises espaciais de grande precisão. A possibilidade de comparar representações históricas com dados contemporâneos potencia o estudo de padrões e a antecipação de problemas futuros.

As pressões atuais que têm vindo a transformar o perfil de Tiswadi tornam particularmente relevante o conhecimento da sua paisagem histórica. Entre os principais fatores de mudança destacam-se a rápida expansão urbana em torno de Pangim, a erosão e perda de mangais, o aumento do nível do mar, a construção de mobilidade viária rápida e a consequente degradação dos sistemas tradicionais *khazan*: o abandono progressivo dos arrozais e a crescente salinização dos campos agrícolas. No início do século XX o goês José Diógenes de Noronha²¹ (Noronha, 1921) descreveu a paisagem de Goa e destaca a engenhosidade ancestral das comunidades locais na gestão da água e do solo, evidenciando um património agrícola que reconhecia resolver já naquela altura problemas hoje globais ²².

“Várzea!! Que encantos que ela encerra!! Que palavra mágica que nos fascina e arrebatada!! (...) Que delícia nos não causa e que alento nos não proporciona este riquíssimo património que nos legaram esses socialistas rudes e incógnitos que seculos atrás, quando não tinha ainda raiado a aurora vivificante da civilização, tinham solucionado admirável e cabalmente o problema que ocupa hoje as atenções do mundo!!” (Noronha, 1921, p. 43)

A paisagem cultural da Ilha de Tiswadi emerge, assim, como o resultado de um processo dinâmico em que a permanência das estruturas territoriais coexiste com a impermanência das populações que as habitam. A mobilidade das populações, a adaptação às condições ambientais e a reorganização contínua dos sistemas sociais e produtivos mostram que a identidade da paisagem cultural de Tiswadi reside precisamente na sua capacidade de transformação. No contexto de Goa, onde o património é cada vez mais curado em função do turismo e da nostalgia, estas questões não são apenas metodológicas, são sociopolíticas. O turismo tem a capacidade de reembalar paisagens, culturas e pessoas em experiências consumíveis. Reconhecer a impermanência como valor é condição fundamental para enfrentar os desafios contemporâneos da urbanização, da preservação do património material e imaterial e da sustentabilidade do território.

²¹ José Diógenes de Noronha (1780-1842), botânico português, contribuiu para os estudos da cartografia natural do território português.

²² “Várzea!! Que encantos que ela encerra!! Que palavra mágica que nos fascina e arrebatada!! (...) Que delícia nos não causa e que alento nos não proporciona este riquíssimo património que nos legaram esses socialistas rudes e incógnitos que seculos atrás, quando não tinha ainda raiado a aurora vivificante da civilização, tinham solucionado admirável e cabalmente o problema que ocupa hoje as atenções do mundo!!” (Noronha, 1921, p. 43).

Referências

BELLIN, Jacques-Nicolas (1703-1772) Auteur du texte. **Le petit atlas maritime, recueil de cartes et plans des quatre parties du monde. Vol. 3 / . En cinq volumes. Par ordre de M. le duc de Choiseul,... par le S. Bellin,... 1764.** [S.l.: S.n.].

BOCARRO, António; RESENDE, Pedro Barreto de. **Livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental.** [S.l.: S.n.].

BRAUN, George. **Civitates orbis terrarum: liber primus, liber secundus, liber tertius.** Disponível em: <Biblioteca Nacional Digital <https://purl.pt/29890>>. Acesso em: 30 jan. 2026.

BRITO, Raquel Soeiro de. **Goa e as praças do norte.** [S.l.]: Junta de Investigações do Ultramar, 1966.

BRITO, Raquel Soeiro de. **Goa e as Praças do Norte revisitadas.** Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

CABRAL, Francisco Caldeira. **O Continuum Naturale e a conservação da natureza. . SEMINÁRIO “CONSERVAÇÃO DA NATUREZA”.** Anais... . Lisboa:, 1980.

CARITA, Helder. **Vista de Velha Goa em 1829.** Disponível em: <<https://acasasenhorial.org/acs/index.php/en/fontes-documentais-en/desenhos-pinturas-en/292-vista-de-velha-go-a-em-1829-de-jose-maria-goncalves>>. Acesso em: 27 jan. 2026.

CARITA, Rui. **O livro de plantaforma das fortalezas da Índia: da Biblioteca da Fortaleza de São Julião da Barra.** Lisboa: Defesa Nacional : Edições INAPA, 1999.

CASTRO, João de. **Roteiro da Viagem que D. João de Castro fez a primeira vez que foi à Índia no ano de 1538.** [S.l.: S.n.].

CORTESÃO, Armando; MOTA, A. Teixeira da. **Portugaliae monumenta cartographica.** Disponível em: <Biblioteca Nacional Digital <https://purl.pt/35363>>. Acesso em: 21 jan. 2026.

CORTESÃO, Armando; MOTA, A. Teixeira da; MATA, J. Caeiro da. **Portugaliae monumenta cartographica.** Lisboa: Comissão para as Comemorações do V Centenário da Morte do infante D. Henrique, 1960.

DOMINGUES, Álvaro. A paisagem revisitada. **Finisterra**, p. v. 36 n.º 72 (2001), 13 dez. 2012.

DUMONT, L.; SAINSBURY, R. M. **Homo Hierarchicus: An Essay on the Caste System.** [S.l.]: University of Chicago Press, 1970.

FARIA, Alice Santiago. Pangim between the past and the modernity: building the city of New Goa, 1776-1921. **Murphy, Journal of Architectural History and Theory**, n. 2, p. 66–97, jul. 2007.

FARIA, Alice Santiago. Understanding Pangim as a Transformed Landscape. *In: HISTORIES FROM THE SEA. International Conference 30–31 January 2007.* Jawaharlal Nehru University, 2009.

FIGUEROA, Garcia de Silva. **Comentarios de don García de Silva que contienen su viaje a la India y de ella a Persia, cosas notables que vió en él y los sucesos de la embajada al**

Sophi García de Silva. Disponível em: <<https://bnedigital.bne.es/bd/es/viewer?id=b309acca-0937-4396-9090-b171cbe5212f&page=8>>. Acesso em: 30 jan. 2026.

GFELLER, Aurélie Elisa. Negotiating the meaning of global heritage: ‘cultural landscapes’ in the UNESCO World Heritage Convention, 1972–92. **Journal of Global History**, v. 8, n. 3, p. 483–503, nov. 2013.

GOMES, Paulo Varela. As igrejas dos católicos de Goa. **Ler História**, n. 58, p. 47–60, 1 maio 2010.

GOMES, Paulo Varela. **Whitewash, red stone: a history of Church architecture in Goa**. New Delhi: Yoda Press, 2011.

LINSCHOTEN, Jan Huygen van. **A ilha e cidade de Goa metropolitana da India e partes orientais, Itinerario**. Disponível em: <Biblioteca Nacional Digital <http://purl.pt/1953>>. Acesso em: 21 jan. 2026.

LINSCHOTEN, Jan Huygen van. **Itinerario, voyage ofte schipvaert van Jan Huygen van Linschoten, naer Oost ofte Portugaels Indien**. Amstelredam: by Cornelis Claesz., 1596.

MARKHAM, Clements R. **A Memoir on the Indian Surveys**. 1. ed. [S.l.]: Cambridge University Press, 2015.

MATOS, Paulo Teodoro de. O Numeramento de Goa de 1720. **Anais de Historia de Alem-Mar**, n. 8, nov. 2007.

MENDIRATTA, Sidh Losa; SANTOS, Joaquim Rodrigues dos. Descodificando Barreto de Resende: As Vistas de Diu, Damão e Goa. In: **Actas do VIII Congresso dos Monumentos Militares – Fortificação Costeira: Dos Primórdios à Modernidade**. Lisboa: Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos, s. d.

NORONHA, J. S. Diogenes de. **Neurá o grande : subsidios histórico-arqueológicos**. Nova Goa: Tipografia Bragança e Ca., 1921.

PEREZ, Rosa Maria. **O tulusi e a cruz: antropologia e colonialismo em Goa**. Lisboa: Temas e Debates, 2012.

PINTO, Rochelle; MENDIRATTA, Sidh Losa; ROSSA, Walter. Reframing the Nineteenth Century. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 115, p. 93–112, 1 maio 2018.

Planta da ilha de Goa na India e suas terras confinantes, 1747 - Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <Biblioteca Nacional Digital <https://purl.pt/3987>>. Acesso em: 28 jan. 2026.

RESENDE, Pedro Barreto. **Demonstração da ilha de Goa**. Disponível em: <BnF Essentiels <https://essentiels.bnf.fr/fr/image/bd2695c9-01b9-4f6c-846e-cd345f932474-demonstracao-da-ilha-go>>. Acesso em: 30 jan. 2026.

RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha. **Archivo Portuguez-Oriental**. Nova-Goa: Imprensa Nacional, 1857.

ROSSA, Walter. O resto não é paisagem, mas sim o todo. **Revista Património**, n. 7, p. 22–29, nov. 2020.

ROSSA, Walter. **Ponte-Açude Conde de Linhares**. Disponível em: <<https://hpi.org/pt/heritage/details/580>>. Acesso em: 20 jan. 2026.



SONAK, Sangeeta M. **Khazan ecosystems of Goa : building on indigenous solutions to cope with global environmental change**. Dordrecht: Springer, 2014.

TELES, Gonçalo Ribeiro. **A utopia e os p s na terra: [catálogo]**. [Lisboa: Instituto Português de Museus], 2003.

UNKNOWN. **Mapa topográfico de Goa**. Disponível em: <Biblioteca Nacional Digital <https://purl.pt/23012>>. Acesso em: 26 jan. 2026.

XAVIER, Ângela Barreto. Chapter 2 Village Normativities and the Portuguese Imperial Order: The Case of Early Modern Goa. *In: Norms beyond Empire Law-Making and Local Normativities in Iberian Asia, 1500-1800*. Leiden, The Netherlands: Brill | Nijhoff, 2021. p. 32–71.

XAVIER, Felipe Nery. **Bosquejo Historico Das Comunidades Agricolas De Goa**. Bastora: Typographia Rangel, 1903.